

Trabalho: direito e luta

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo XXIII, expressa os direitos dos trabalhadores e de como seu trabalho deve ser feito em condições justas, humanas e com remuneração adequada. Embora essa Declaração tenha sido proclamada em 1948, o trabalho como fator de exploração ou realização é questão muito antiga; isto é, o tema “trabalho” não é qualquer tema, mas um dos principais na existência humana.

Não é à toa que, na tradição bíblica, o trabalho sempre foi visto como intrínseco à criação. Deus cria de suas próprias mãos e planta um jardim. Vale lembrar aqui que plantar e colher representam, no mundo bíblico, o trabalho socialmente mais relevante. E, após fazer o homem do pó da terra como um oleiro, Deus o coloca no jardim para cultivar, para trabalhar. Aliás, toda a criação é descrita como atos de um trabalhador, produzindo os céus com seus dedos e fixando as estrelas em seu lugar.

Na tradição bíblica o trabalho é visto em total sintonia com a criação, pois assim diz o salmista, Deus *“designou a lua para as estações; o sol conhece o seu ocaso. Ordena a escuridão, e faz-se noite, na qual saem todos os animais da selva. Os leõezinhos bramam pela presa, e de Deus buscam o seu sustento. Nasce o sol e logo se acolhem, e se deitam nos seus covis. Então sai o homem à sua obra e ao seu trabalho, até à tarde”*. E o salmista ainda evoca uma prece: *“Oh Senhor, quão variadas são as tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria; cheia está a terra das tuas riquezas”* (Sl 104,19-24). Neste texto o trabalhador se funde com o ato criativo de Deus e o ser humano é feliz em realizá-lo em seu devido tempo.

Na canção popular o trabalho também é apresentado como decisivo para a felicidade humana, pois:

Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E a vida é trabalho
E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata
Não dá pra ser feliz
(Gonzaguinha)

Bem, essa canção fala de trabalho e felicidade; ela relaciona uma coisa com a outra, e é por isso que precisamos, agora, voltar à tradição bíblica, percebendo como ela mostra essa tensão. Ora, o mesmo trabalho, presente no criador e na criatura como sinal de realização, pode ser também motivo de infelicidade, de injustiça e morte. E por isso seu valor é questionado. Em Eclesiastes, por exemplo, temos a pergunta: *“Pois, que tem o homem de todo o seu trabalho, e da fadiga do seu coração, em que ele anda trabalhando debaixo do sol? Por que todos os seus dias são dores, e o seu trabalho desgosto (...)”* (Ec 2,22-23). O que têm o homem e a mulher de todo o seu trabalho? A força dessa pergunta tão antiga e tão recente mostra uma tensão constante: o trabalho – alegria e sofrimento nas mãos e nas mentes do ser humano.

Olhando para nossos dias, vemos que as ferramentas para exercermos o trabalho mudaram muito. Certamente, as novas tecnologias dão-nos outros aspectos do trabalho que nem a tradição bíblica nem a canção popular puderam vislumbrar. Mas há algo que permanece vivo entre nós, e nos incomoda; e aqui podemos ver nos textos antigos seu poder crítico: esses textos descrevem a alegria do trabalho quando integrado com a natureza e com as outras pessoas da comunidade, isto é, quando não é desumanizante; por outro lado, quando aliado à injustiça, à exploração, torna-se enfadonho, pois

manifesta-se desintegrado da vida em sua inteireza. Os textos nos sugerem perguntas amargas, especialmente na sociedade contemporânea capitalista: É o trabalho ainda motivo de felicidade? Ou apenas uma forma de exploração humana, de desumanização, de acumulação de capital para uns e miséria para uma maioria? Não estaria nosso contexto pressagiando “a emergência de uma subclasse mal-remunerada e totalmente sem poder” (HARVEY, p. 181)? Na sociedade, surgem incertezas de uma vida para o trabalho e não um trabalho para a vida; como nos diz o poeta:

Tudo parece tão claro
E tudo parece perfeito
Mas quando acordo e me vejo
O espelho diz que não
(Fagner)

Os artigos referentes aos direitos sociais da Declaração Universal dos Direitos Humanos, corolário das lutas por esses direitos ocorridas no século XIX e o início do século XX, embora importantes, expressam mais uma intenção do que uma conquista de fato. Embora esses dois períodos citados tenham fortalecido as conquistas pelo direito ao “bem-estar” social na Europa e EUA (SINGER, p.235-254), o mesmo não ocorreu em boa parte do mundo e hoje ainda encontramos com abundância trabalhos mal-remunerados, infantis, escravos entre outros tipos de desumanização. Ou seja, o ônus da acumulação para alguns recai “fortemente sobre os trabalhadores – da redução salarial à precarização do emprego” (NETTO, BRAZ, p.228)

Como pudemos perceber, a situação descrita acima não é nada agradável, nem simples de ser solucionada, mas isso não é motivo para aceitarmos passivamente o trabalho como fator de opressão social. É por isso que devemos olhar para nossas tradições de fé e de lutas (os diversos movimentos sociais históricos) como fontes inspiradoras para nossa existência contemporânea, pois nos estimulam a encarar a vida de forma crítica, fortalecendo-nos nas lutas constantes pelos direitos fundamentais. Isto é, a cidadania se constrói lutando. Por isso lutemos e estejamos sempre atentos, e fortes.

Wesley Fajardo Pereira

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Revista e Atualizada. Trad.: Almeida. 2ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1992
NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política:** uma introdução crítica. São Paulo: Córtext, 2011.